



Os partidos políticos são autênticos “ninhos” de incompetentes e “tachistas” que só se preocupam com as suas mordomias e não produzem nada de válido para o desenvolvimento do País.

Raul Oliveira, “O Leme”, 1ª quinzena de Fevereiro de 2011



Parece que desta é de vez! Ao fim de quase trinta anos de encalhos, de promessas, de avanços e de abandonos, o **TERMINAL AEROPORTUÁRIO** de Beja está a um passo de obter licença para receber voos civis. E já há empresas e entidades a agendar ligações de e para a capital do baixo Alentejo.

Opinião



“Tiquê” é, na tradição de “mídia”, uma palavra de uma língua pronunciada com o sotaque de outra. Trata-se da palavra inglesa ticket dita com sotaque francês. “Tiquê.” Acaba por ser milagroso que um povo que pronuncia palavras latinas à inglesa e palavras inglesas à francesa consiga, ainda assim, fazer-se entender
Ricardo Araújo Pereira, “Visão”, 3 de Fevereiro de 2011

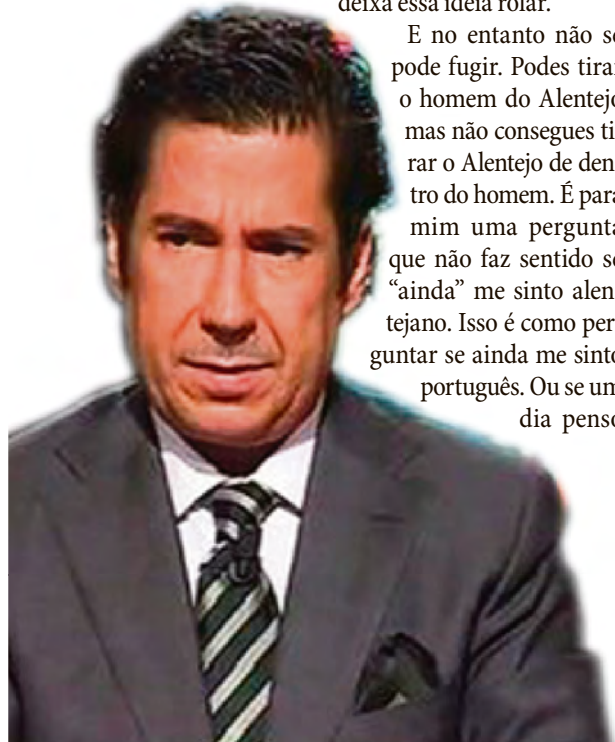
És mesmo, mesmo alentejano

Luís Pedro Nunes Jornalista

- És alentejano?
- Sim
- aaah é que não parece nada...
- ah não? Pois... mas tenho a cova no peito de me encostar ao cajado, quer ver?
- ahahaha! Estes gajos são demais!
Gosto muito de alentejanos.
- É... damos muita alegria a uma casa...
- E vai lá muito?
- Ao Alentejo? Quando calha. E quando vou, não vou ao Alentejo, vou à minha terra...
- Ah é? Eu adoro aquilo! Vou lá imenso!
Se calha já sou mais alentejano que você.
- Calhando é... já deve ter uma costela alentejana.
- Isso já eu tenho da parte da minha avó.
- Pois olhe que não parece nada...

Deixem-me que diga: este diálogo que inventei agora mesmo já me terá acontecido nestes moldes – ou parecido – dezenas de vezes, até uma vez ter chegado ao supra-sumo da subtilidade do “neo politicamente correcto”. Uma mesa cheia de gente a jantar gelou quando depois de contarem uma anedota de alentejanos (em que o autóctone fazia figura de urso) deliberadamente fiz cara de mau e disse: eu sou alentejano. Naquele momento o mal-estar apoderou-se. Tinha-se cometido uma *gaffe* não admissível na contemporaneidade higienizada dos jantares queques: até que comecei a rir da figura de parvos que eles estavam a fazer por pensar que eu estaria minimamente ofendido. Como agora, com as anedotas de raças ou de *gays*, há sempre um afro-angolano na mesa ao lado. Mas a questão não são os Outros. A questão aqui é o modo como os alentejanos ficam satisfeitos quando lhes gabam a paisagem (que não é totalmente obra sua, já agora) e são tratados como figurantes simpáticos, lentos e um pouco lerdos. Mas aí, a culpa é de quem deixa essa ideia rolar.

E no entanto não se pode fugir. Podes tirar o homem do Alentejo mas não consegues tirar o Alentejo de dentro do homem. É para mim uma pergunta que não faz sentido se “ainda” me sinto alentejano. Isso é como perguntar se ainda me sinto português. Ou se um dia penso



mudar de clube de futebol. Há questões que não fazem sentido.

É-se. Não se foi alentejano. A hélice do ADN não roda para o lado contrário na ponte do Tejo. Agora há uma questão que convinha esclarecermos entre nós com alguma sinceridade. Esta “alentejanidade”, aquela que me calhou, de outras que existirão, também tem o seu lado negro. Há ele uma vertigem triste e angustiada, que o torna incapaz de acreditar no que está para além dele próprio, terreno, que não se deslumbra e não lhe permite ficar em paz consigo. É uma pitada de Mariana Alcoforado enlouquecida dentro do estilo *yuppie*, com gerúndio, ao saltar-lhe a tampa em remoque de humor sacaninha – é ser alentejano. É.

Talvez voltemos a falar disto novamente no “DA”. Ou me fique pelas piadas. Para quê mudar? Dizem que os alentejanos não gostam de mudanças – ouvi dizer.

Escrever é enganar o tempo

Cristina Taquelim Bibliotecária

Pedi emprestado a Clarice Lispector e a Afonso Romano Santana o título e subtítulo destes dois dedos de conversa em dois mil caracteres.

- Certas coisas não se podem guardar para depois!

Na minha casa sempre escutei esta frase. Sempre a escutei aplicada às pessoas que amava,

aos afazeres do dia, aos privilégios e aos deveres.

Hoje, andamos todos a guardar “para depois” mesmo as coisas importantes. Como não temos tempo para fazer tudo o que queremos, viver tudo o que sonhamos, dizer tudo o que sentimos, guardamos para depois.

O furto do nosso tempo - também emocional, também afectivo, também associativo, social - é um dos grandes inventos da sociedade neoliberal.

Começa cada vez mais cedo este furto. Na parentalidade, na escola, no trabalho.

Depois de correr todo o dia atrás do tempo, comemos em frente de um televisor, acompanhados pela intoxicação informativa - onde quase sempre informação não é conhecimento - acompanhados por trabalhadores felizes e consumidores felizes, que bailam por entre quilómetros de enlatados e onde até os velhos são tratados com respeito. Todos são belos, elegantes, espertos e ricos o que, convenhamos, é uma preciosa ajuda para interiorizarmos a ideia de que somos o que temos, o que compramos, o que parecemos, o que consumimos.

Vivemos sem tempo para nos representarmos, para nos imaginarmos.

Crescer sem tempo para o jogo, para o sonho, para não fazer nada que seja imediatamente útil, tempo para o relato onde pela palavra contamos memórias e construímos as ficções que nos permitem construir a identidade e projectar um futuro, é uma realidade na vida das nossas crianças.

Viver sem tempo, desencoraja a participação social, desorganiza a vida afectiva, limita o pensamento divergente fundamental na busca das perguntas importantes. Viver sem tempo serve para quê? Serve a quem?

Poderia arriscar várias respostas, mas já não tenho caracteres.

Não tenho tempo... Fui...!

Liberdade de escolha na saúde

Maria Graça Carvalho Deputada europeia

O Parlamento Europeu aprovou recentemente uma Directiva que clarifica as regras de acesso dos cidadãos de um Estado europeu aos cuidados de saúde prestados noutro Estado europeu. O país de origem do paciente passará a reembolsar os custos dos cuidados de saúde recebidos noutro país europeu, desde que os cuidados de saúde em questão figurem entre as prestações a que a pessoa tem direito no país de origem.

Esta iniciativa, que reforça a liberdade e o direito de escolha dos cidadãos europeus, trará vantagens tanto para os doentes como para prestadores de cuidados de saúde. Para os doentes que padecem de doenças raras ou de doenças crónicas complexas é fundamental a possibilidade de aceder ao melhor diagnóstico em centros altamente especializados. E os centros de excelência, por sua vez, beneficiarão com a mobilidade dos pacientes, pois verão alargada a sua base de utentes e poderão ampliar a sua massa crítica e os seus recursos de investigação em áreas especializadas.

A necessidade de transparência e de comparabilidade entre sistemas de saúde criará condições para a redução das listas de espera nos hospitais e para a redução de muitos desperdícios e ineficiências.

O Governo português hesitou perante esta oportunidade de melhorar a mobilidade dos seus cidadãos na área da saúde por receio dos custos que a medida possa acarretar. O nosso país prepara-se para adoptar um sistema de autorizações prévias. Esperemos que com isto não se crie uma nova lista de espera – a das autorizações prévias.

No entanto a Directiva é bem clara ao não permitir que a recusa da autorização prévia possa constituir um entrave injustificado à livre circulação dos doentes. Agora que foi aprovada, os Estados deverão implementá-la, o mais tardar, até 2013.

Os portugueses que vêem as instituições europeias como distantes e incompreensíveis têm hoje menos uma razão de queixa. Com esta Directiva a Europa revelou estar bem próxima das preocupações e dos anseios do cidadão nacional, assegurando-lhe a liberdade de escolher o Estado em que lhe são prestados os cuidados de saúde de que carece.

